



"Devemos ser a mudança que queremos ver no mundo."
Mahatma Gandhi



Diz à Lenda...

Venda Proibida

Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.



Sandra Aymone
Texto adaptado de lendas indígenas



Autora
Sandra Aymone

Ilustração e projeto gráfico
Pandora Estúdio

Coordenação editorial
Sílvia N. Martins Prado

Realização
Fundação Educar DPaschoal
www.educardpaschoal.org.br
F:(19) 3728-8129

Revisão de texto
Katia Rossini

Sobre a Fundação Educar DPaschoal

A Fundação Educar DPaschoal foi criada em 1989 para gerir os investimentos do grupo DPaschoal em programas de estímulo à leitura. Promover a educação para a cidadania como estratégia de transformação social é a missão da Fundação Educar, que constrói parcerias e desenvolve três projetos.

O Leia Comigo!, que utiliza recursos próprios e de outras empresas através da Lei Rouanet, para produzir e distribuir gratuitamente livros educativos para crianças e adolescentes. Desde o ano 2000, já foram doados mais de 30 milhões de exemplares, em todo o Brasil.

A Academia Educar, que promove a formação de núcleos de lideranças juvenis em escolas públicas, criando oportunidades para que o jovem descubra em si o potencial que o torna capaz de transformar sua realidade, de sua escola e de sua comunidade.

E o Prêmio Trote da Cidadania, que reconhece e incentiva universitários de todo o Brasil a promover ações sociais com os calouros, para estimular o empreendedorismo social e reduzir a prática do trote humilhante ou violento.

Procurando contar sempre com valiosas parcerias, a DPaschoal deseja, cada vez mais, dar sua contribuição à sociedade em sua caminhada pela educação e pela cidadania.

Esta obra foi impressa na Gráfica Editora Modelo Ltda. em papelcartão Art Premium Tech e papel Couché Suzano Matte, ambos produzidos pela Suzano Papel e Celulose a partir de florestas renováveis de eucalipto. Cada árvore foi plantada para este fim. Esta é a 1ª edição, datada de 2009 com tiragem de 30.000 exemplares.

Agradecemos aos nossos parceiros a colaboração na distribuição destes livros:
Argius Transportes Ltda., Atlas Translog, Hiperion Logística, Reunidas Catarinense, RTE Rodonaves, Transportadora Capivari Ltda., Transportadora JPN Ltda., TRN Pavan.

Deloitte.

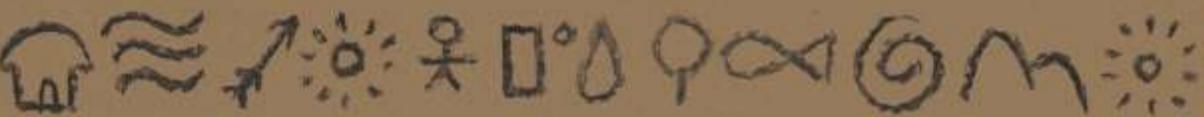
A tiragem e a prestação de conta referentes a esta publicação foram conferidas pela Deloitte.

Diz a Lenda...

Sandra Aymone

Texto adaptado de lendas indígenas





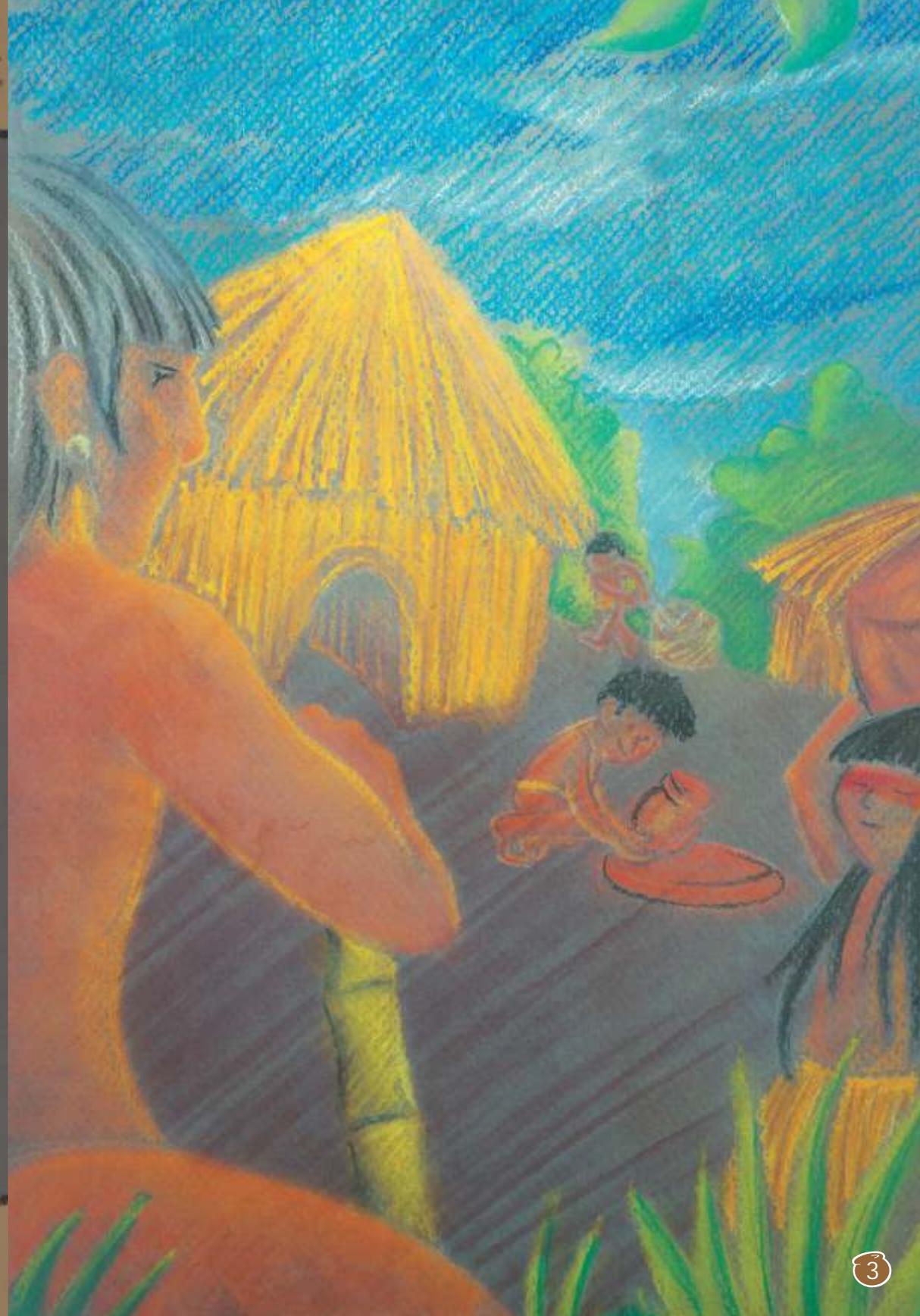
Houve um tempo em que os índios ainda não sabiam plantar roças. Eles caçavam animais — capivaras, onças, antas, veados —, pescavam nos rios e lagos e colhiam frutos silvestres. Era assim que se alimentavam.

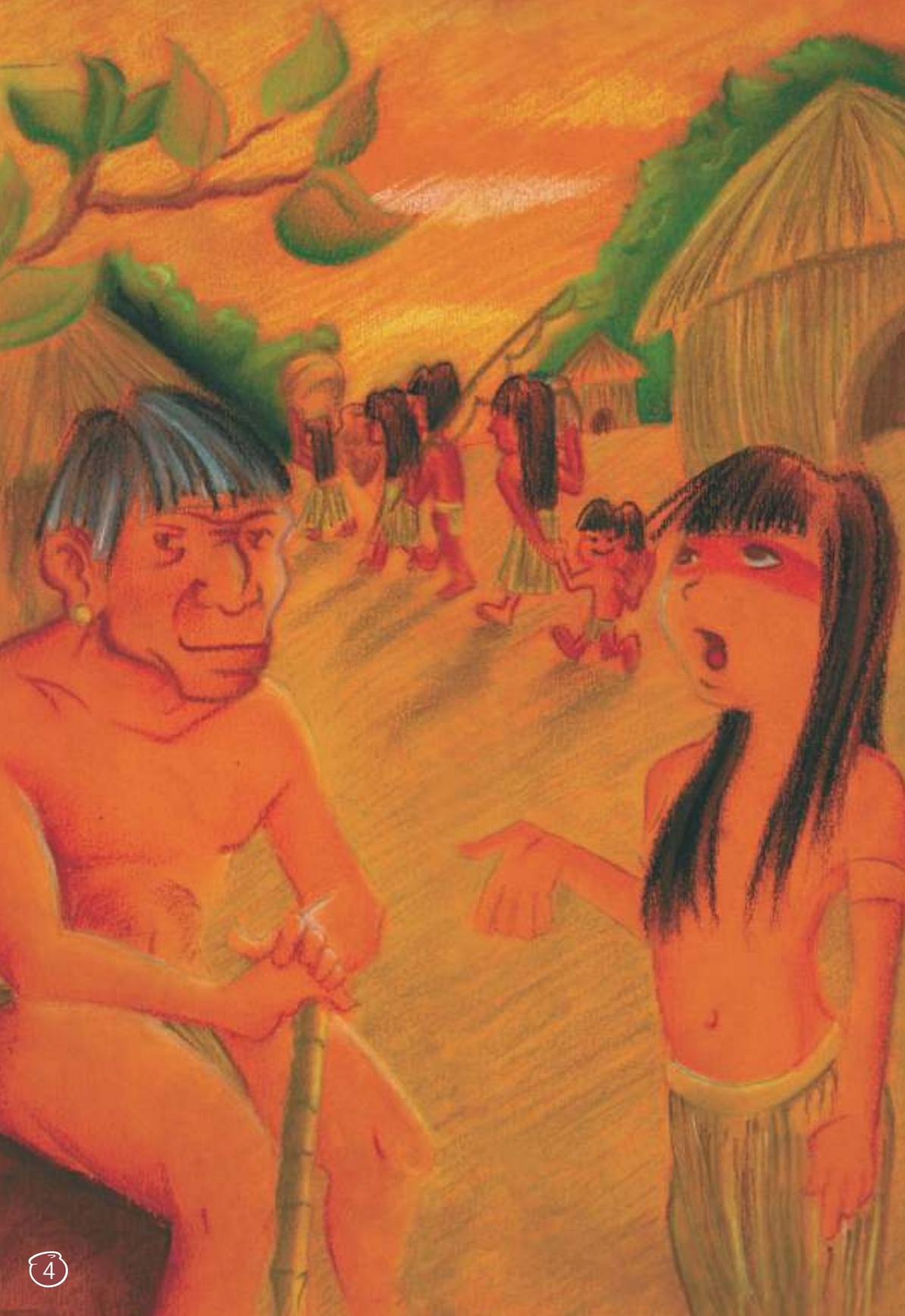
Por causa disso, não podiam parar muito tempo em um lugar. Quando os animais se tornavam escassos na floresta, os peixes desapareciam dos rios e já não havia frutos suficientes para todos, a tribo levantava acampamento e ia procurar outra região que oferecesse alimento farto.

No dia em que esta história começou, a tribo do índio Auati estava passando por um momento assim. Todos recolhiam suas coisas, para dar início a mais uma longa caminhada, em busca de um novo lugar.

Auati estava cansado. Ele era velho e sentia que não teria forças para seguir os companheiros daquela vez. Disse:

— Vão vocês. Eu fico. Nosso deus Tupã vai ter pena de mim e cuidará do meu sustento...





Depois de conversar entre si, os índios mais jovens concordaram em deixar o velho. Se o levassem com eles, com certeza ele iria atrasar demais a caminhada.

Ao ouvir aquilo, sua neta Maiara não pensou duas vezes:

— Então eu também fico, vovô! Não vou deixar você para trás, sozinho. Juntos, vamos conseguir sobreviver, prometo!

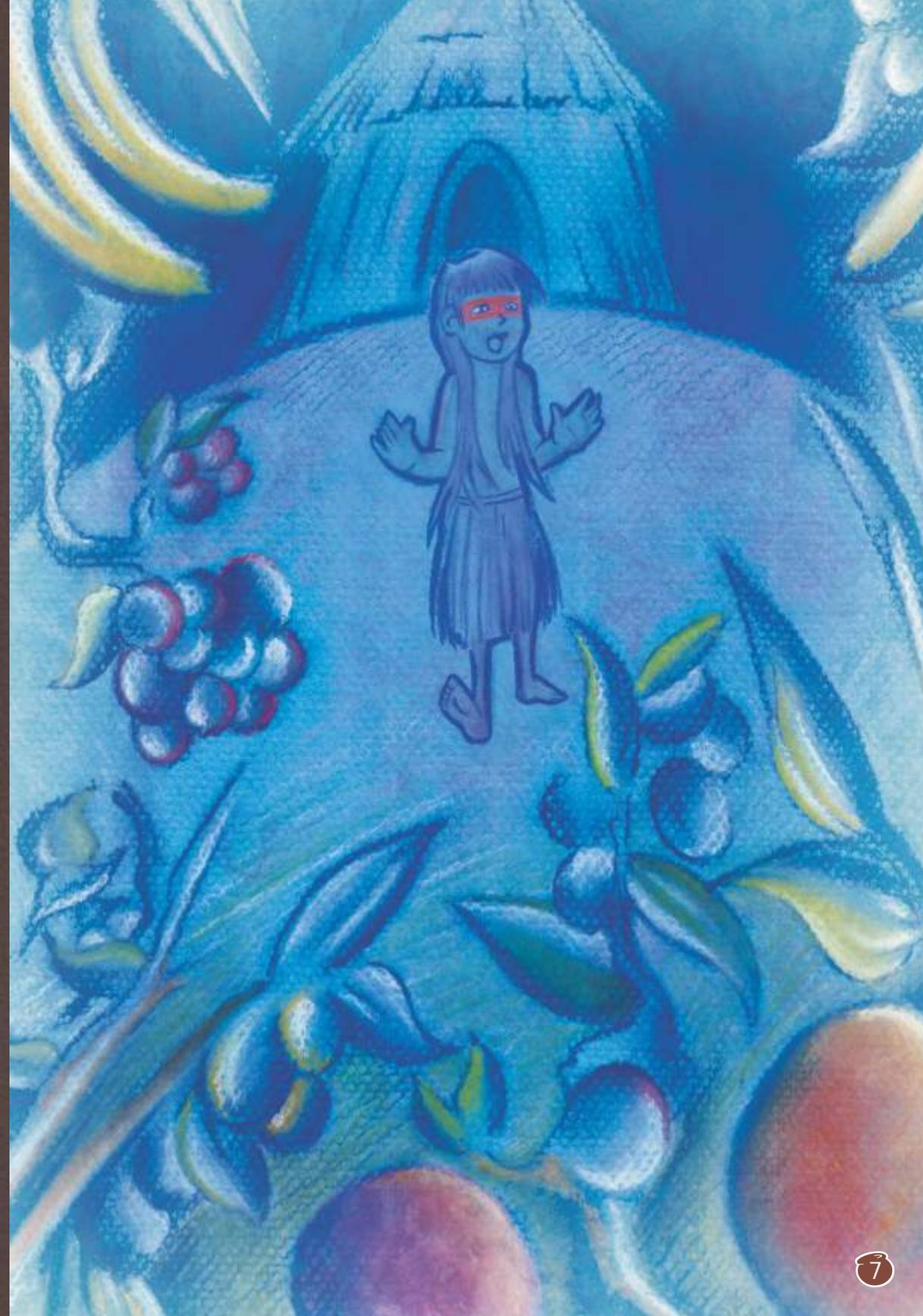
E, por mais que todos da tribo tentassem tirar essa ideia da cabeça da jovem índia, nada conseguiram. A tribo partiu, e Maiara ficou na aldeia com Auati.



No início, não foi tão difícil para a moça encontrar alguns frutos e raízes comestíveis que ainda restavam na floresta. Mas o tempo foi passando e a dificuldade foi aumentando.



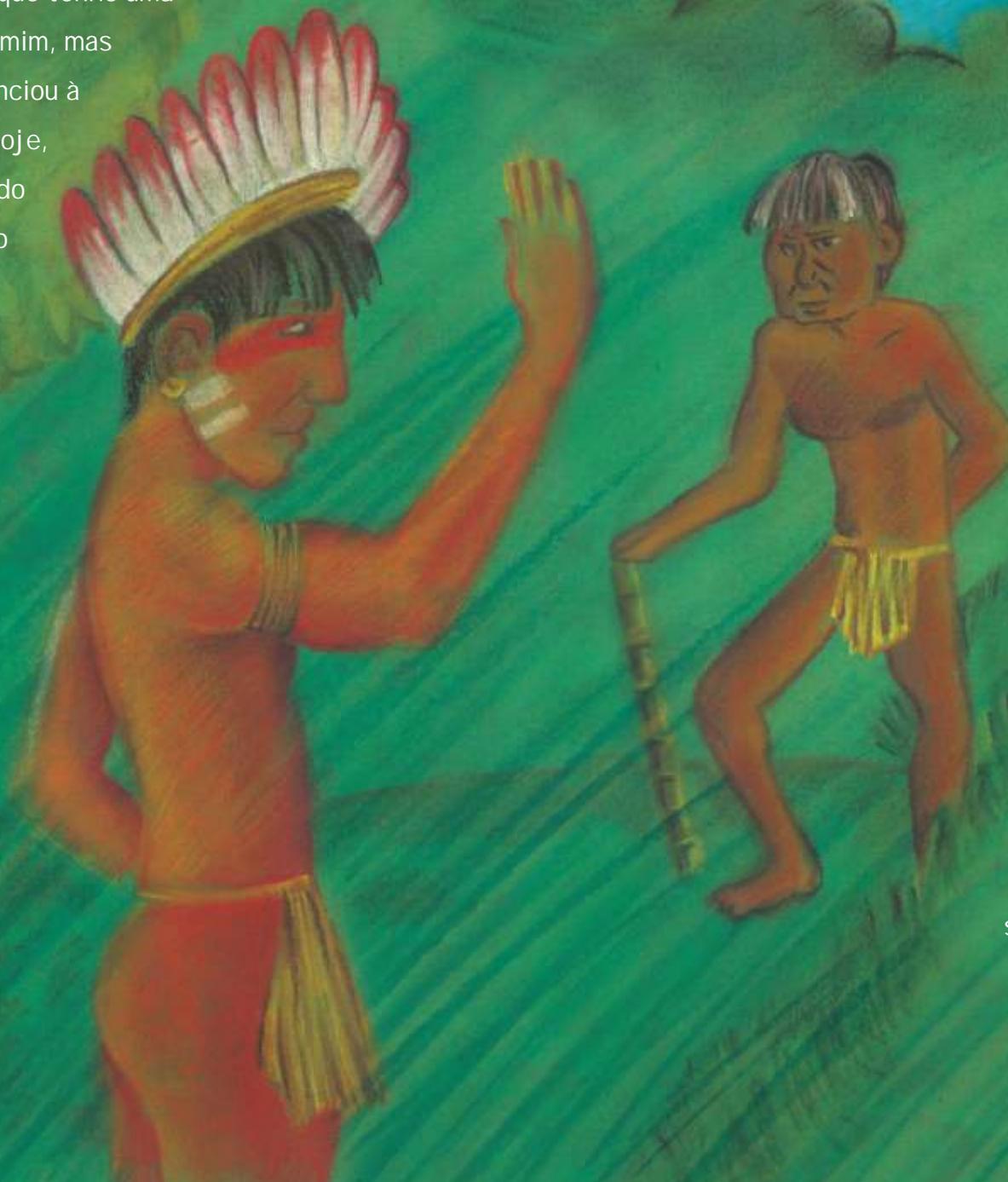
Todos os dias, Maiara caminhava por horas a fio na mata. Quando ficava muito cansada, dormia e sonhava que estavam brotando milhares de plantas que davam frutos saborosos, bem pertinho de sua casa. Ah, como seria bom!



Um dia, um jovem guerreiro passou pela aldeia abandonada.
Ao ver o olhar triste de Auati, perguntou o que havia.

O velho disse:

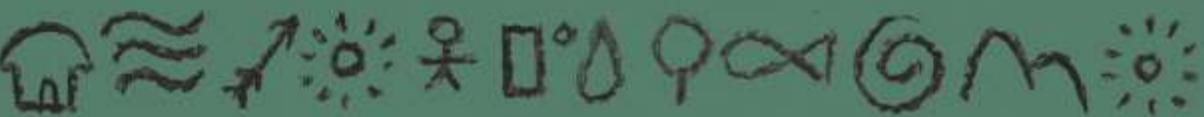
— Eu deveria estar bem feliz, porque tenho uma neta boa e dedicada que cuida de mim, mas minha tristeza é ver que ela renunciou à vida alegre que tinha na tribo. Hoje, Maiara passa o dia todo só tentando encontrar comida para nós... Não quero que ela viva deste jeito por minha causa!



O guerreiro era,
na verdade, um enviado de
Tupã. Com pena do velho, ele disse:

— Escute: amanhã quem vai para a mata é você. Diga a sua neta para ficar em casa, fazendo igaçabas, e saia sozinho. E não volte enquanto não encontrar o que está procurando!

Depois de dizer isso, o guerreiro desapareceu no meio das árvores.

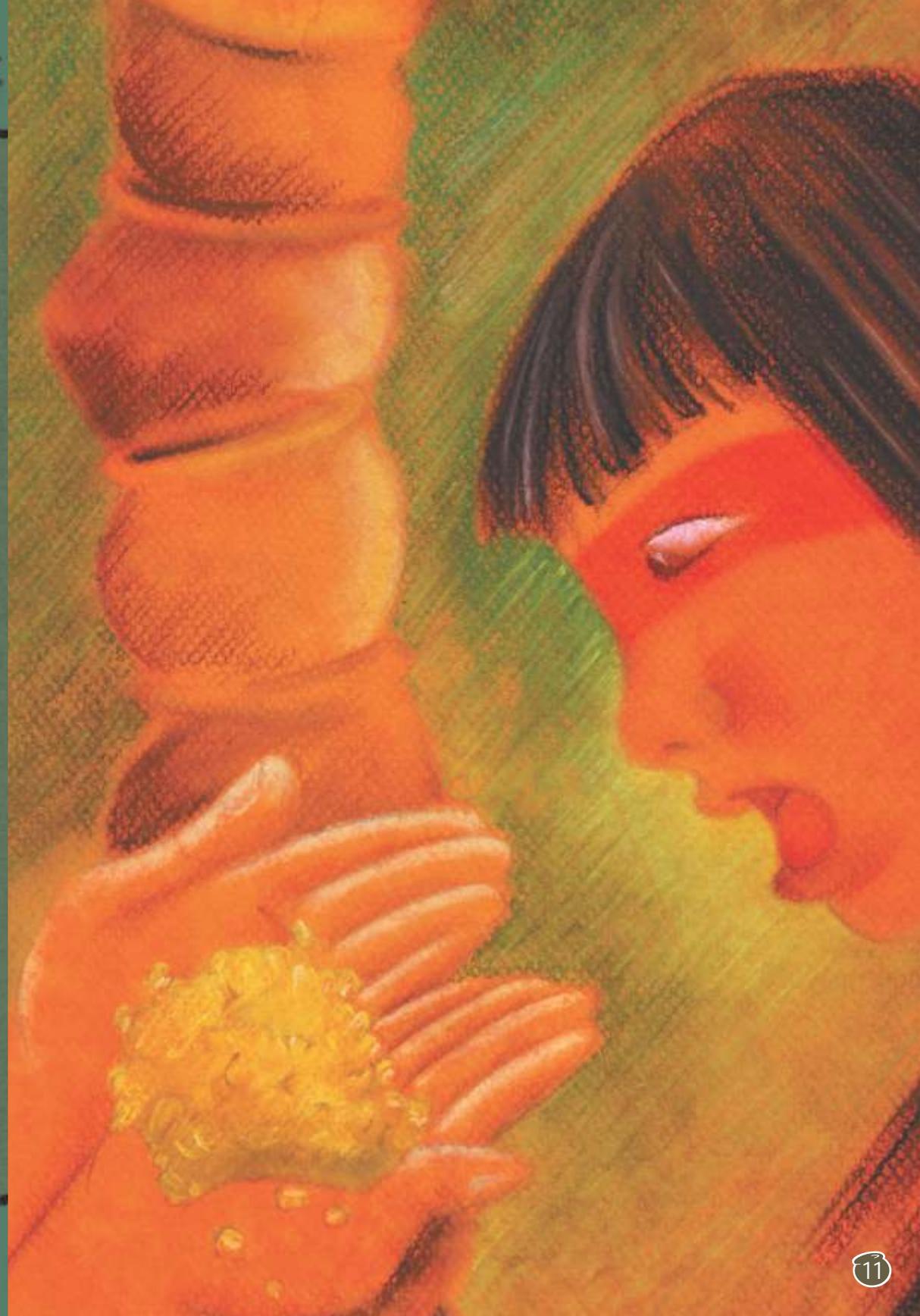


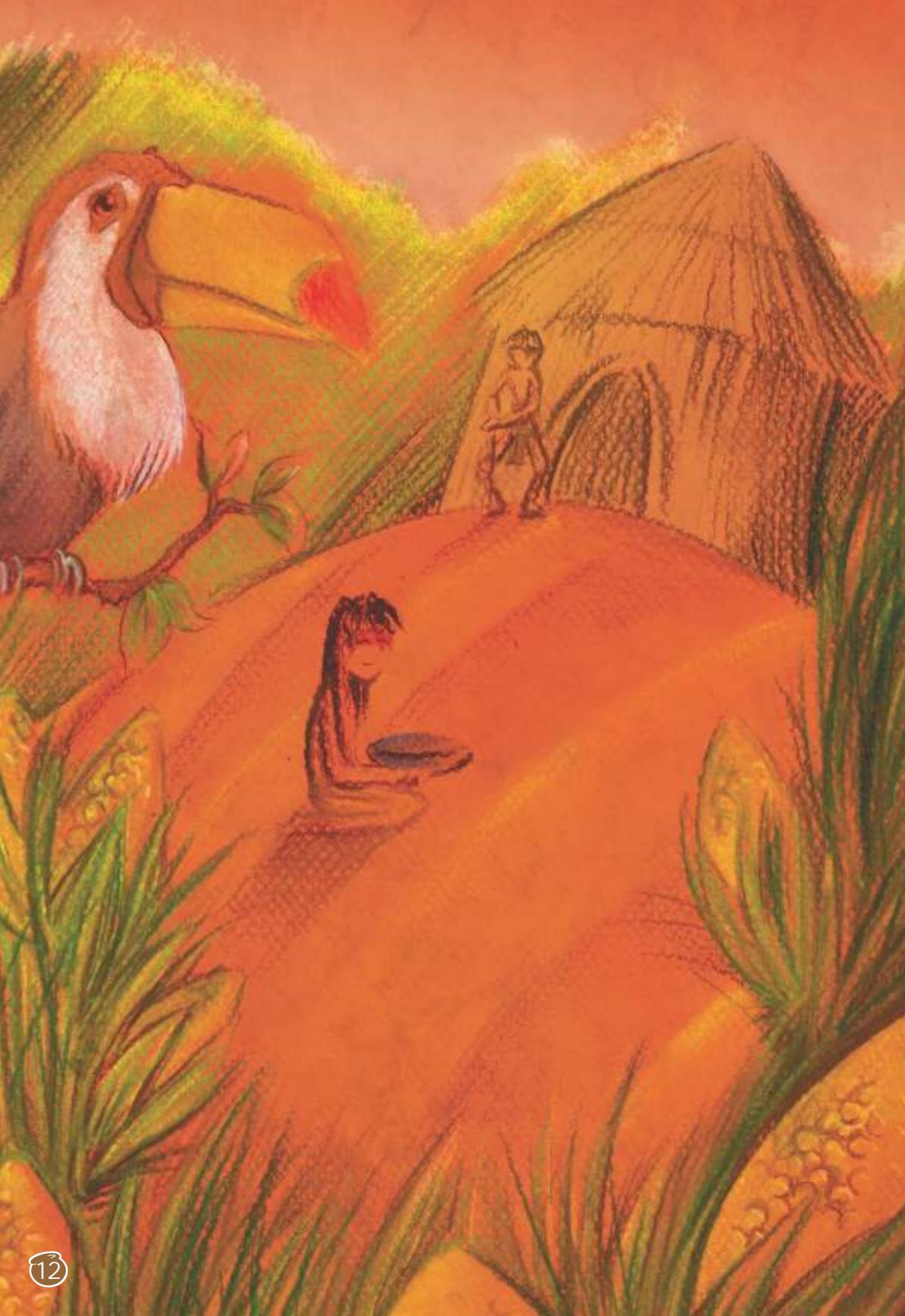
Mesmo sem saber o que procurava, Auati fez como ele havia dito. Mandou que Maiara ficasse fazendo igaçabas, que são tigelas de barro, e entrou na floresta. Seu corpo todo doía e a fome era grande. Mas Auati não queria desistir. Ele não se importava com dor ou com doença, desde que pudesse dar uma vida mais feliz a sua amada neta.

Depois de muito andar, seu corpo fraco não aguentou e ele caiu desmaiado. Do alto de uma palmeira, um bando de tucanos viu tudo. Os pássaros foram até o índio, levantaram seu corpo e o levaram até o céu. Chegando lá, num instante, Auati sentiu-se forte novamente.

Retornando à terra, os tucanos deixaram Auati bem em frente a sua oca, onde Maiara tinha empilhado as igaçabas que fizera.

Auati, feliz, mostrou à neta o que trouxera do céu. Eram sementes douradas.





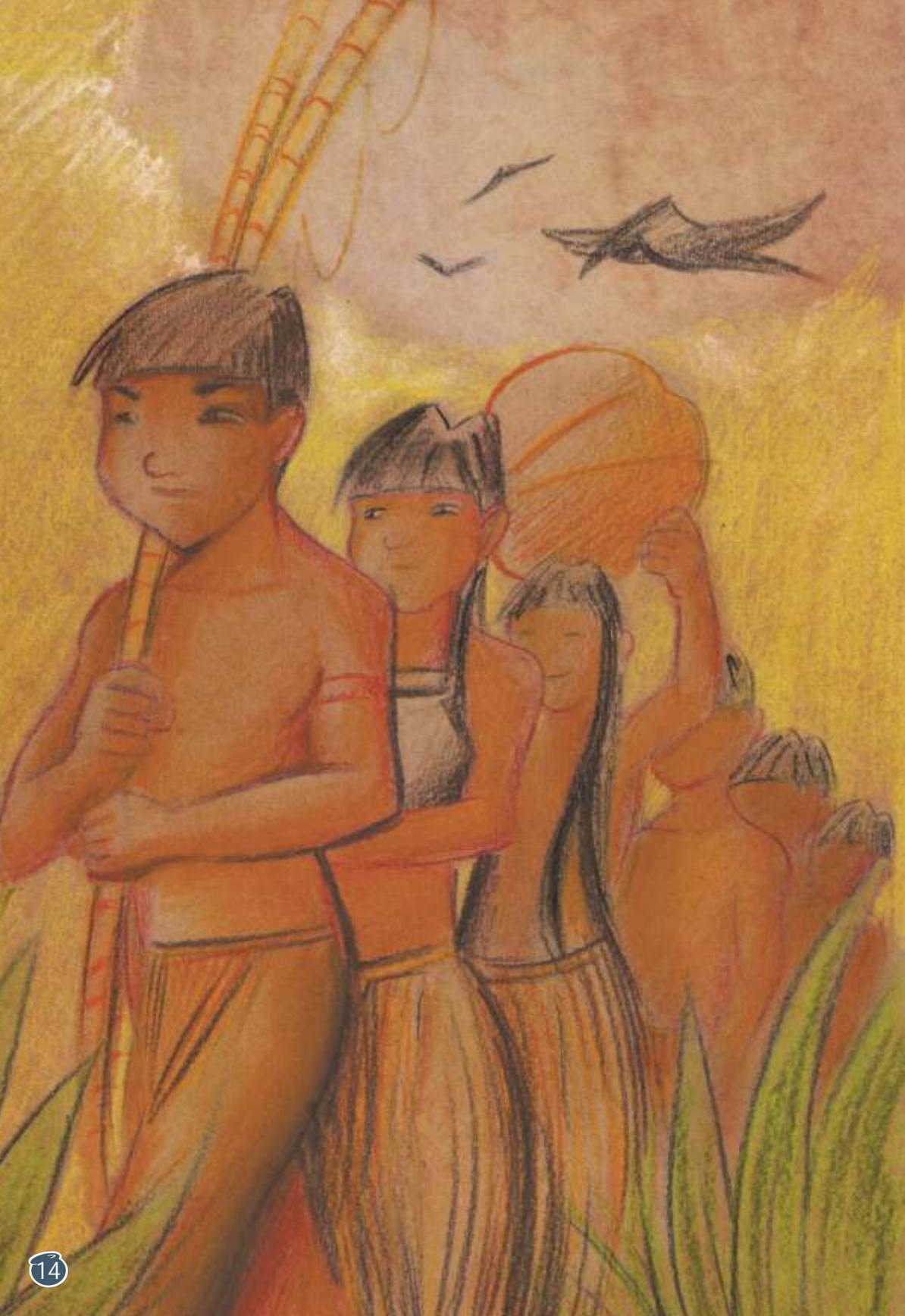
Os dois fizeram como os tucanos tinham ensinado: plantaram as sementes e, como mágica, vários pés de milho brotaram, trazendo com eles suas espigas saborosas, da cor do Sol!

As espigas podiam ser preparadas dos jeitos mais diferentes! Com seus grãos, faziam-se cremes, sopas, farinhas, pratos adoçados com mel ou temperados com ervas de sabor picante! E, a todo instante, eles descobriam novas delícias feitas de milho!

— Agora eu entendi por que você me mandou fazer tantas tigelas, vovô! — disse Maiara. — Era para colocar todas estas comidas! Que pena que nossa tribo não está aqui para saboreá-las conosco!

Ao ouvir a neta, o velho Auati pediu aos tucanos que fossem avisar sua tribo de que a fartura havia voltado àquelas terras e que ela podia retornar.

Os tucanos foram.



Quando os índios chegaram ao local, arregalaram os olhos de espanto, ao ver ali plantada uma bela roça de milho, cheia de espigas douradas, prontas para ser colhidas! Que beleza! Tupã tinha mesmo enviado um alimento precioso!

No mesmo instante, perceberam que não tinham agido certo deixando Auati para trás. Ele tinha encontrado a solução para a fome da tribo. O cacique disse:

— Auati conhece melhor que todos nós os segredos da vida. Suas palavras devem sempre ser ouvidas.

Os índios pediram desculpas a Auati e prometeram que passariam a cuidar com carinho das pessoas idosas, respeitando e honrando sua sabedoria.

O gesto de bondade de Maiara também não foi esquecido. Dali em diante, os pais passaram a ensinar seus filhos a imitar o exemplo da jovem índia que lutou, sem desistir, pela vida do avô.

Desde então, os índios passaram a cultivar o milho e não precisaram mais abandonar suas terras por falta de alimento. Todos os anos, nesta época, celebram a colheita com uma grande festa! E é por isso que, para eles, o milho tem um belo nome: auati.

